

O mal-estar no colonialismo: aproximações psicanalíticas com a história africana

MAURÍCIO DE NOVAIS REIS*

Resumo: Este artigo busca estabelecer algumas interpretações do colonialismo no continente africano a partir do arcabouço teórico psicanalítico. Assim, descreve a situação colonial, comparando-a à relação pai-filho na psicanálise. Articula os conceitos de colonizado e castrado, colonizador e pai; e levanta provocações sobre a importância da imposição linguística para a dominação colonial promovida pelo imperialismo europeu, colocando o inconsciente no centro da discussão política, além de questionar os fatores econômicos predominantes na modernidade, derivados precisamente de sua capacidade de implantação de seus símbolos sobre o outro encobrindo-o. Empreende, a partir de bibliografia disponível sobre a temática discutida, uma hermenêutica psicanalítica como método de análise do fenômeno colonial.

Palavras-Chave: Colonialismo; Psicanálise; Linguagem; África; Diáspora.

The discomfort in colonialism: psychoanalytical approaches with the african history

Abstract: This article seeks to establish some interpretations of colonialism in the african continent from the theoretical psychoanalytic. Thus, describes the colonial situation, comparing it to the father-child relationship in psychoanalysis. Articulates the concepts of colonized and neutered, the colonizer and father; and raises provocations on the importance of linguistic imposition for colonial domination promoted by European imperialism, placing the unconscious in the center of political discussion, as well as questioning the economic factors prevailing in modernity, derived precisely from its ability to deploy their symbols on the other covering it up. Based on the literature available on the subject discussed, is the psychoanalytic hermeneutics as a method of analysis of the colonial phenomenon.

Key words: Colonialism; Psychoanalysis; Language; Africa; Diaspora.



* MAURÍCIO DE NOVAIS REIS é graduado em Filosofia e em Pedagogia, possui especialização em Teoria Psicanalítica e mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER/UFSB).

Introdução

Este artigo objetiva estabelecer, introdutoriamente, algumas relações entre o arcabouço teórico psicanalítico, construído por Sigmund Freud, e a denúncia do colonialismo, empreendida pelo psiquiatra Frantz Fanon.¹ Conceitos como “colonizado” e “castração” entrecruzam-se de maneira interdisciplinar, articulando semanticamente a construção de um discurso “fora do *setting*”, ou seja, de uma psicanálise inerente ao laço social na situação colonial (BALANDIER, 2014). Por isso, estas reflexões poderão ser denominadas apropriadamente de uma psicologia social do colonialismo e de suas consequências; não qualquer psicologia social, mas uma psicologia social de orientação psicanalítica, amplamente fundamentada nas premissas dos escritos freudianos, seminários lacanianos e demais categorias essenciais da investigação psicanalítica. Dentre as consequências assinaladas no decurso desta discussão, encontra-se o racismo, ainda vigente a despeito dos aparentes esforços para extirpá-lo, e a colonialidade do poder, operacionalizada mediante a classificação étnico-racial do sistema capitalista que relega, na modernidade, as culturas subalternizadas à invisibilidade (QUIJANO, 2010).

As consequências da situação colonial são notórias. Além do racismo e da colonialidade, um sem-número de desdobramentos se desenrolam nas relações sociais, institucionalizadas através da necropolítica, isto é, política de morte que se apresenta como sintoma social de relações assimétricas

(MBEMBE, 2018), que acomete parte considerável dos sujeitos partícipes de grupos subalternos, senão à sua totalidade.

E onde a psicanálise entra nessa discussão, dadas as condições multifatoriais presentes na política pós-colonial, cujo imperativo continua consistindo na dominação imperialista? Quais os pressupostos fundamentais trazidos pela teoria psicanalítica para discutir questões desta natureza multissintomática? Como as articulações teórico-metodológicas da psicologia freudiana podem produzir respostas adequadas aos problemas enfrentados pelos grupos socialmente minoritários? Será empreendida uma tentativa honesta de responder a todas estas questões no decurso deste artigo a partir da linguagem, de Fanon a Lacan, que desempenhará o papel amalgamador dessas interpretações, como uma espécie de hermenêutica do psiquismo sócio-histórico do colonialismo no continente africano.

A linguagem ocupa uma posição de relevância irrefragável na vida sociopolítica dos povos. É mediante a linguagem que os seres humanos articulam seus símbolos, promovendo a constante experimentação do conteúdo subjetivo a partir das situações concretas da existência material, e vice-versa. Se o sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante, como expresso por Lacan, não há outro destino conveniente à humanidade senão aquele articulado mediante o simbólico, isto é, a linguagem que gera a realidade do sujeito. Neste aspecto, tanto somos efeitos da linguagem como a utilizamos

devem ter exercido alguma influência na sua produção intelectual, já que ambos relataram eventos dessa natureza no decorrer de suas elucubrações intelectuais.

¹ Tanto Freud como Fanon foram discriminados pela sua origem. Fanon, negro antilhano, estudou na capital francesa, e Freud, judeu austríaco, estudou na capital austríaca. Certamente a discriminação antinegra e o antisemitismo

para produzir determinados efeitos sobre outros, por intermédio do Outro, entendido na qualidade de estruturação do inconsciente como linguagem (LACAN, 1985).

Semanticamente, será necessário não apenas apreender os signos linguísticos utilizados para potencializar a dominação imperialista, signos estes que parecem ingênuos e casuais, mas que no fundo determinam os comportamentos dos indivíduos a partir de uma engenharia humana ancorada na linguagem.² Por isso, torna-se necessário compreender os signos utilizados, assim como o universo semântico do qual o signo participa, mas sobretudo, torna-se necessário reconstruir sentidos a partir do processo de ressignificação, no qual alguns signos, como palavras, por exemplo, passam a ser utilizados com designações diferentes daquelas originalmente impostas pelos colonizadores. A palavra “negro” foi originalmente utilizada na situação colonial com o escopo de demarcar a diferença e transformá-la num fator de desigualdade (BARROS, 2006). O vocábulo negro, no Brasil, não somente era utilizado para designar os escravos africanos como para designar os indígenas – negros da terra. Agora, este vocábulo foi ressignificado pelo Movimento Negro, convertendo-se em símbolo de orgulho.³

A psicanálise percebe a vida como uma articulação entre duas realidades

distintas: uma concreta e outra psíquica. Enquanto a primeira remete aos acontecimentos no mundo material, a segunda, de maior interesse à psicanálise, remete à realidade interna dos sujeitos, conectada com as fantasias (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991). Ambas estão articuladas de maneira que se retroalimentam à medida que as fantasias absorvem as introjeções advindas da realidade concreta, produzindo um amálgama. Nesse processo, aliás, são formados os conflitos internos.

Portanto, este artigo buscará apresentar uma interpretação possível a respeito das relações estabelecidas no contexto do colonialismo, sobretudo no continente africano, tomando como base as concepções psicanalíticas e as ideias anticoloniais de Frantz Fanon. Esta é, teoricamente, uma empreitada bastante difícil em decorrência do distanciamento conceitual entre psicanálise e colonialismo. No entanto, tais articulações podem lançar alguma luz, ainda que débil, no entendimento a respeito daquele período complexo da história. E nenhuma disciplina melhor do que a psicanálise para examinar os ‘complexos’ decorrentes da situação colonial.⁴

² Neste aspecto, não se trata de uma defesa da hipótese de Sapir-Whorf. Embora essa conserve alguma similaridade, ainda que equidistante, com o tema ora tratado, neste artigo busca-se a compreensão de uma linguagem vinculada ao estruturalismo francês, mais especificamente encontrada nas elucubrações de Jacques Lacan.

³ A mudança de atitude frente a termos utilizados para detratar os negros, ressignificando-os como símbolos identitários da cultura negra, começou a partir do movimento da Negritude, fundado na

França pelos estudantes Léopold Sédar Senghor, Léon-Gontran Damas e Aimé Césaire, em 1939 (REIS, 2020).

⁴ Na Psicanálise, o vocábulo “complexo” designa o conjunto de representações de forte valor afetivo, que podem ser parcial ou totalmente inconscientes, constituindo-se mediante as relações interpessoais da história infantil e podendo abarcar todos os níveis psicológicos (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991).

As marcas da situação colonial no continente africano

O colonialismo logrou impressionante êxito ao impor sua marca nas civilizações africanas, asiáticas e ameríndias. Poucos grupos, no entanto, têm apresentado as chagas abertas resultantes daquele período histórico como as sociedades africanas. Sejam estas instituídas no interior do continente negro ou fora dele, isto é, na diáspora, as marcas legadas pelo colonialismo são visíveis, traumáticas, como uma ferida não cicatrizada constantemente remexida, provocando os sofrimentos próprios do repisamento de pústulas não curadas completamente.⁵ Uma simples observação desprestigiada será suficiente para confirmar a presença negra em todos os continentes, especialmente naqueles cujo mercadejo escravagista era preponderante, resultando, hoje, nesse contingente de negros espalhados pelo mundo, na sua maioria descendentes das vítimas dessa diáspora forçada ocorrida entre os séculos XVI e XIX.⁶ Nas Américas, o número de escravizados chegou à casa dos milhões. Na Europa houve também exploração da mão de obra cativa africana, embora numa afluência inferior.

Não obstante a escravidão transatlântica constitua uma das páginas mais vergonhosas da história da humanidade, cabe ressaltar que o espírito imperialista europeu não atuou somente neste âmbito, recuando sua ambição colonial após a proibição do tráfico negreiro. Na

Conferência de Berlim, concluída em 1885, as nações europeias negociaram o próprio território africano, dividindo-o como despojo às ambições imperialistas europeias. Agora não se tratava mais de negociar escravos, mas de abrir novos mercados fornecedores de matéria-prima para a indústria nascente. E para isso fora necessário definir fronteiras, as quais continuam mantidas atualmente.

Com a presença europeia no continente, muitos africanos, inclusive aqueles que haviam estudado nas universidades europeias, iniciaram movimentos de libertação. Dentre os que lutavam pela libertação africana, encontravam-se muitos negros diaspóricos, como o psiquiatra Frantz Fanon, que publicou uma importante bibliografia, na qual não apenas defende a libertação dos africanos, como também a libertação dos povos colonizados fora de África, caso da Martinica, sua terra natal localizada no continente americano.

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será (FANON, 2008, p. 34).

A adoção da língua metropolitana equivale, subjetivamente, à introjeção⁷

⁵ O termo trauma deriva do grego *τραῦμα*, que significa “ferimento”. No princípio utilizado na medicina para designar uma ferida física, o termo foi adotado pelas disciplinas do psiquismo para designar as feridas psíquicas decorrentes de acontecimentos na vida cujo sujeito demonstra incapacidade de reação adequada em vista dos efeitos patogênicos duradouros dessa ferida psíquica (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991).

⁶ É necessário esclarecer que “colonização” e “colonialismo” não são sinônimos, mas representam períodos distintos, tendo o colonialismo iniciado efetivamente apenas no século XIX.

⁷ Sandor Ferenczi introduziu este termo para designar a maneira como o sujeito introduz fantasisticamente objetos do exterior no interior

da lei paterna, do interdito, posicionando as nações civilizadoras na função de pai imaginário cujo objetivo é interditar o desejo das nações colonizadas. E sua reação ao interdito paterno definirá o percurso de sua existência, tal qual acontece na dissolução do complexo de Édipo, mediante a castração simbólica que interdita o desejo infantil.⁸ Ou seja, a castração simbólica garante à nação civilizadora o lugar de referência – como um pai torna-se para o filho –, seja na linguagem, nos costumes e na cultura geral.⁹

A adoção de valores está intimamente relacionada à constituição do superego.¹⁰ Neste sentido, torna-se imprescindível pensar as neotradições disseminadas no interior do continente com a finalidade de alterar o *corpus* ético até então praticado pelos africanos (RANGER, 2008). Assim, os valores endógenos foram substituídos pelos exógenos

mediante a disseminação das neotradições.

Na parte francófona¹¹ do continente, os materiais didáticos ensinavam às crianças africanas que elas descendiam dos gauleses. Essa imagem da França como uma nacionalidade transoceânica “onde as características cívicas e naturais da essência francesa ficavam disponíveis a todos” (JUDT, 2007, p. 288) propiciou não somente a expansão da francofonia,¹² mas também o referencial francês de autoridade moral, como um pai ambivalentemente admirado e odiado. Além do mais, a França tornou-se destino de inúmeros africanos oriundos das ex-colônias.¹³

Similarmente, o material recalado do processo de castração retorna no simbólico como sintoma.¹⁴ Nesta perspectiva, colonizado assume a mesma significação de castrado,¹⁵ posto que os significantes que poderiam ampliar sua

de sua esfera de interesse (ROUDINESCO; PLON, 1998).

⁸ Na teoria do desenvolvimento psicossexual é a reação do *infans* frente à interdição durante o complexo de Édipo que define sua estrutura de personalidade. Desta forma, o sujeito pode enquadrar-se numa das três estruturas vigentes: neurose, psicose e perversão.

⁹ A noção de inconsciente adotada neste artigo pode parecer similar ao conceito de inconsciente coletivo, introduzido por Carl Gustav Jung, mas não deve ser tomada deliberadamente como uma apropriação desse conceito, uma vez que a obra do psicólogo suíço não fora consultada para apropriação e, adicionalmente, porque neste artigo não se utiliza da ideia de arquétipo, presente na sua teoria. Antes, cogita-se a noção de um superego coletivo, constituído a partir da situação colonial.

¹⁰ A segunda tópica freudiana subdivide o aparelho psíquico em três instâncias distintas: Id, Ego e Superego. Para uma compreensão detalhada dos conceitos, consulte *O Ego e o Id* (FREUD, [1923]1996).

¹¹ Neste artigo, dar-se-á maior atenção à porção francófona do continente em razão das especificidades do modelo colonial francês.

¹² A língua francesa converteu-se numa das mais faladas do mundo. A Organização Internacional da Francofonia reúne 57 Estados-membros em cinco continentes, além de 20 países observadores.

¹³ Em 2018, a Copa do Mundo organizada pela FIFA foi conquistada pela seleção francesa, que era composta majoritariamente de jogadores negros. Contudo, isso não significa que as relações raciais no interior do país europeu sejam pacíficas.

¹⁴ O mecanismo da estrutura neurótica é o recalque, cujo retorno se dá no simbólico, na forma de atos falhos, lapsos e esquecimentos. Existem, contudo, outras estruturas (psicose e perversão), sendo que na psicose o mecanismo é a forclusão do Nome-do-Pai, que retorna no real na forma de alucinação.

¹⁵ Na psicanálise, o complexo de castração possui relação estreita com o complexo de Édipo, uma vez que a angústia de castração se instala quando o menino percebe a diferenciação sexual e se aterroriza diante da possibilidade de perda do falo. Assim, o menino renuncia a seu objeto de desejo. Contudo, o falo não é o órgão físico, mas *grosso modo* o significante do poder. A castração representa, portanto, a perda da sensação de poder.

capacidade de ressignificação da realidade externa a partir da sua realidade psíquica estão reprimidos no inconsciente pelo recalque colonial. Sua semântica foi substituída pela semântica colonizadora, ou seja, o discurso do Outro, que implica na realidade de que “*C'est le colon qui a fait et qui continue à faire le colonisé*” (FANON, 2002, p. 40). Desta forma, o parricídio é a única possibilidade de livrar-se da condição de castrado-colonizado, ainda que resulte em culpa e posterior adoração à imagem do pai morto, como um deus, um totem organizador das relações interpessoais (FREUD, [1913] 1996).¹⁶ Trata-se, portanto, de uma solução contestável, uma vez que ensinaria na imposição de determinados *tabus* como regulamentadores dos vínculos sociais, como ocorrido na horda primitiva.¹⁷

O colonialismo em África significou para os europeus, adicionalmente, a luta da civilização¹⁸ contra a barbárie, representadas pela Europa e África, respectivamente. Logo, a função da civilização é “resgatar” os indivíduos do estado de natureza no qual dariam livre curso às suas pulsões destrutivas e acabariam por destruir a própria comunidade e a si mesmos. O estabelecimento da civilização, com seus desdobramentos – como a religião e as

leis introduzidas pelas neotradições – opera uma repressão dessas energias pulsionais advindas das partes mais obscuras do inconsciente.¹⁹

Se quisermos responder corretamente, somos obrigados a lançar mão da noção de *catharsis coletiva*. Em toda sociedade, em toda coletividade, existe, deve existir um canal, uma porta de saída, através do qual as energias acumuladas, sob forma de agressividade, possam ser liberadas (FANON, 2008, p. 130).

A proposta introduzida por Fanon remete à necessidade de uma *catharsis coletiva*, isto é, a liberação das energias acumuladas durante o longo período de repressão²⁰ que culminará na rebelião contra o pai-colonizador a exemplo de acontecimentos homólogos à horda primeva. Obviamente, muitos daqueles filhos já estarão fortemente identificados com o pai e, por isso, não se levantarão contra seu despotismo, ao passo que outros permanecerão resilientes às investidas do interdito colonial. Estes últimos serão aqueles que promoverão a rebelião, utilizando, muitas vezes, o mesmo arcabouço utilizado pelos colonizadores, e instalarão posteriormente as marcas da nova civilização.²¹ Todavia, há que se

¹⁶ No ensaio *Totem e Tabu*, Freud formula a teoria do parricídio original. Segundo sua teoria, a horda primitiva era dominada por um pai autoritário que tinha acesso a todas as fêmeas do clã, os filhos revoltaram-se e o assassinaram, dando início à religião e à civilização, impondo a proibição do incesto e a divinização da figura paterna.

¹⁷ Não obstante tenha ocorrido antes da implementação do colonialismo, a Revolução Haitiana (1791-1804) exemplifica o parricídio anticolonial mediante a forclusão do Nome-do-Pai como mecanismo inerente à psicose.

¹⁸ A obra freudiana não estabelece uma diferenciação entre civilização e cultura (cf. FREUD, (1930 [1929]) 1996).

¹⁹ Na segunda tópica, Freud postula que os representantes psíquicos das pulsões estão reprimidos no *Id*. Todo o material recalcado da memória posteriormente é também direcionado a esta instância inconsciente.

²⁰ O método catártico foi utilizado por Freud e Breuer no tratamento de pacientes histéricas entre 1880 e 1895. Esse método consistia basicamente na ab-reação, ou seja, numa descarga emocional dos afetos patogênicos acumulados numa economia psíquica repressiva.

²¹ Os filhos identificados com o pai-colonizador operarão nos limiares equivalentes à personalidade neurótica, isto é, buscando negociar as condições da libertação. Somente a personalidade psicótica poderá implementar uma

aperceber, neste ponto, que muitos daqueles que desejam remover a autoridade paterna acabam por substituí-la pela sua própria autoridade, tomando como paradigma a autoridade paterna outrora demovida. Os governos africanos pós-coloniais representam um aprofundamento do modelo europeu, não de sua extirpação, restando uma espécie de religião totêmica que redireciona todos os afetos àquela figura divinizada, o pai-colonizador.

Dentre estes encontram-se precisamente aqueles cuja formação ocorreu nas universidades europeias.²² Retornando às suas terras de origem, promoveram ideários políticos desestabilizadores dos planos europeus para África. Começava, portanto, a *catharsis coletiva* proposta por Fanon, que apenas aparentemente alterou a situação de repressão experimentada pelos autóctones, uma vez que incorreram precisamente na tomada do Ocidente como modelo de governança à medida que importaram os ideários políticos das nações civilizadoras. Tanto que Elungu (2014, p. 94), intelectual congolês formado nas prestigiadas universidades francesas, elucida que “quase todos os países da África negra” se declararam socialistas.

No período das independências africanas, a Europa era sacudida pelos movimentos políticos marxistas; e os intelectuais africanos, no epicentro das revoltas, decidiram adaptar o socialismo

europeu à realidade comunalista africana, criando o movimento que ficou conhecido como socialismo africano. Este diferenciava-se do socialismo europeu pela negação do ateísmo e da luta de classes. Contudo, não demorou muito para que o socialismo em África assumisse as mesmas feições europeias (REIS, 2020). Mesmo assim, não ocorreu uma ruptura impiedosa dos vínculos coloniais à maneira haitiana.

Não obstante as nações africanas²³ tenham alcançado a liberdade política no decurso do século XX, nos campos econômico, religioso e cultural a situação não parece sobremaneira modificada, haja vista que os elementos culturais introduzidos pelos colonizadores através das neotradições continuam operando efetivamente. No campo econômico, a dependência ainda é grande, sendo que na porção francófona do continente essa ligação com a antiga metrópole é designada de *françafrique* (REIS; ANDRADE, 2018).²⁴ No campo religioso, as denominações de matriz europeia continuam florescendo, embora o islamismo tenha crescido vertiginosamente. No campo cultural, linguístico mais especificamente, as condições permanecem intactas como deixadas pelos europeus à sua saída. A francofonia permeou o continente de maneira a tornar-se parte intrínseca às ex-colônias francesas.

ruptura completa com as representações do pai-colonizador, à semelhança da revolução haitiana.

²² Por exemplo Léopold Sédar Senghor (Senegal) e Kwame Nkrumah (Gana), que se tornaram presidentes em seus respectivos países. Cabe ressaltar que Senghor, mesmo após tornar-se presidente do Senegal, recusou-se a abdicar de sua cidadania francesa, pois defendia uma fusão pacífica entre o *modus vivendi* africano e francês (MOORE, 2010).

²³ Desde antes da chegada europeia, África constituía-se um continente étnica e

culturalmente diversificado. Portanto, não se trata de um povo único que habita o continente, mas de povos diversos. Todavia, estudos indicam haver uma unidade cultural submersa na aparente heterogeneidade dos povos africanos (cf. DIOP, 2014).

²⁴ Outra questão bastante polêmica está relacionada à *Communauté Financière Africaine*, mas não será detalhada porque introduziria questões que alheiam-se à finalidade deste estudo.

[...] após vários séculos de assimilação progressiva, de apropriação, de reapropriação e de tráficos, o francês acabou por converter-se *numa língua africana de pleno direito* (MBEMBE, 2014, p. 87).

O filho-colonizado não renega completamente a herança paterna; introjeta os significantes com os quais o pai-colonizador o recobriu, aderindo à língua paterna como referente de aquiescência, a partir da identificação, à sua autoridade. Assim, a adoção da língua do pai-colonizador mantém a interligação entre a sacralidade da figura paterna e ‘pecaminosidade’ do filho-castrado.

Neste aspecto, o pai-colonizador não somente é aquele que impõe a lei, isto é, as fronteiras, mas também a língua. No processo analítico, frequentemente descobre-se que o pai aparece repetidamente nas produções inconscientes do filho mediante os significantes introjetados durante a infância. Numa psicanálise do laço coletivo a realidade não parece diversa, uma vez que nas diferentes estádios²⁵ do processo evolutivo da humanidade, esses significantes continuam advindo.

Na perspectiva da consciência seria impossível retomar as condições originárias anteriores à exploração europeia, considerando-se as profundas alterações ocorridas no decurso do tempo. Todavia, na perspectiva do inconsciente, a manutenção dessas condições culturais revela, à maneira da

horda primeva freudiana, uma espécie de sentimento de culpa pelo parricídio intensamente desejado, mas não necessariamente realizado. Não obstante o pai-colonizador fosse opressor, despertava nos seus filhos-colonizados o sentimento ambivalente de admiração e ódio. O assassinato do pai representava, por conseguinte, a única maneira viável de fugir do seu jugo opressor, contudo transmutou-o também numa espécie de deus que deve ser venerado. A maneira de reverenciá-lo é obviamente mantendo intacto o seu legado, isto é, mantendo a língua e os traços culturais herdados do pai-colonizador, tornado agora em totem; além disso, estabeleceu-se o tabu da autoctonia, de modo que o continente sente-se em dívida com a modernidade a exemplo da proibição do incesto após o parricídio primevo (cf. FREUD [1912-1913] 1996).²⁶

Nesta perspectiva, chega-se a um ponto crucial da discussão sobre as estratégias de reivindicação de uma identidade africana, seja pelo reconhecimento da autoctonia como paradigma do *modus vivendi* africano ou pela adoção da modernidade como paradigma. Além de Ergimino Mucale, outros pensadores africanos das mais variadas expressões linguísticas têm se debruçado sobre as questões relativas à identidade africana. Dois dos mais importantes pensadores africanos da contemporaneidade são Achille Mbembe e Kwame Appiah, cuja diferença de tradições coloniais encerra um contraponto interessante, mas ao mesmo tempo complementar.²⁷

²⁵ O domínio europeu pode ser dividido em três períodos correspondentes aos estádios do desenvolvimento psicosssexual: colonização, colonialismo e colonialidade. Na psicanálise, esses períodos representam, respectivamente, a infância (período no qual ocorrem as fases do desenvolvimento libidinal, culminando no complexo de Édipo), estágio de latência (período no qual o menino abdica do objeto de desejo,

passando a identificar-se com o pai) e período pós-adolescência (no qual o sujeito desperta para o desejo de escolha de objeto).

²⁶ Sobre a suposta contradição entre modernidade e tradição na cultura africana (cf. MUCALE, 2013).

²⁷ O filósofo Kwame Anthony Appiah é filho de um advogado ganês e de uma escritora inglesa. Portanto, sua perspectiva de colonialismo

Utilizando-se de duas formulações discursivas – discurso nativista e discurso instrumentalista – que propõem a alienação do eu africano (*self* dividido) como resultado dos processos de “escravidão, colonização e *apartheid*”, Mbembe (2001, p. 174) avalia, à guisa de conclusão, que os discursos nativista e instrumentalista não comportam uma teoria acabada a respeito da identidade africana hoje.

Uma identidade africana na atualidade não poderia desconsiderar os significantes coloniais constitutivos do *corpus* psíquico africano alterado pelos eventos traumáticos ocorridos no interior do continente. Não somente a linguagem encontra-se repleta de idiossincrasias decorrentes do período colonial, mas as manifestações culturais também encontram-se permeadas pelas neotradições. Neste tocante específico, uma cisão do eu coletivo (ou divisão subjetiva) impacta profundamente a formação da identidade.

Não obstante na modernidade a identidade africana consista de algo em construção, não poderá ser completada, no curto prazo, desconsiderando os sedimentos europeus. Analogicamente, a identidade africana é uma tela que recebeu demasiadas camadas de tinta e não pode negar a ação transformadora do pincel a menos que toda a tinta seja irrefragavelmente removida.

A modernidade, por sua vez, admite a perspectiva do modelo econômico do aparelho psíquico num espectro mais amplo, cujos processos são regulados por

dois princípios²⁸ que têm a função de regular as sensações de prazer diante da realidade, evitando, assim, que os sujeitos adiram incondicionalmente ao prazer, mas sintam-se igualmente atravessados pela realidade (FREUD, [1920] 1996). Ambos os princípios formatam o equilíbrio que mantém o aparelho psíquico organizado. Portanto, encontram-se instalados, metaforicamente, no aparelho psíquico da modernidade no sentido de que o sistema mundo-moderno tanto pode ensejar algum prazer transitório ao indivíduo subalterno, como o obriga, a todo tempo, deparar-se com a realidade crua da necropolítica (MBEMBE, 2018). A modernidade corporifica a política da morte na qual os indivíduos “contemplados” são irremediavelmente aqueles associados às classes subalternizadas desde a colonização. Tudo isso decorre da dinâmica orquestrada pela colonialidade do poder através da classificação racial embutida na superestrutura do sistema capitalista (QUIJANO, 2010).

No tocante à psicologia social profunda, a subalternidade não subsiste na simples relação entre indivíduos; subsiste na qualidade de grupo psíquico. O indivíduo dentro de uma aliança massificada, torna-se identificado com essa massa, passando então a (inter)agir fundamentalmente no espectro inconsciente (FREUD, 2011). E, como sabemos, o princípio do prazer é “próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental” (FREUD, [1920] 1996, p. 20),

relaciona-se à porção anglófona do continente africano. E, por isso, suas ideias não serão aprofundadas neste artigo.

²⁸ Na teoria freudiana, o aparelho psíquico, na perspectiva econômica, é regulado através da coexistência de dois princípios: o princípio do prazer e o princípio de realidade. O psicanalista remetia suas observações à psique individual,

não à coletiva. Entretanto, nestas páginas tomou-se a liberdade de falar desses princípios num espectro mais amplo, coletivo. Na introdução da sua *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud reconhece que “a psicologia individual é também, desde o início, uma psicologia social[...]” (FREUD, [1921] 2011, p. 14).

não obstante esta pulsão deva ser refreada sob as exigências da autopreservação do ego [aqui, coletivo] e substituído pelo princípio de realidade.

A questão remanescente concerne especificamente às categorias das massas integradas pelos africanos. Seguirão as massas europeizadas ou àquelas posicionadas no retorno às condições anteriores à chegada europeia?

Enquanto as nações africanas abraçam a modernidade, assumindo sua identidade pós-castrada desde as independências, remodelando suas cidades para que sejam *mimesis* do Ocidente – como sacrificadas a um totem, um pai morto tornado deus –, este continua colocando em marcha o epistemicídio,²⁹ em primeiro plano, exatamente como fazia no período colonial. Agora, porém, de maneira extremamente mortífera porque extermina inclusive fisicamente sem qualquer constrangimento.³⁰ África vem sendo exterminada mediante políticas econômicas devastadoras, ao passo que aqueles que vivem fora do continente negro também são exterminados através da desigualdade econômica, da violência policial e da omissão de políticas públicas para seu desenvolvimento. A realidade para os subalternos não é outra senão a morte sob a égide da modernidade.

Os movimentos desse elaborado jogo de tabuleiro frequentemente passam despercebidos pelos alocados na base da estrutura racial. Frequentemente encontram-se absortos na ilusão de que conseguirão sobreviver ao sistema,

escalando a estratificação social. E ainda que consigam, os critérios fenotípicos continuarão denunciando sua origem colonizada, castrada. De fato, alguns indivíduos conseguem escalar os degraus da mobilidade social e, como uma espécie de ranhura no sistema, reativam a esperança de que todos sejam capazes.

O aparato psíquico moderno potencializa a situação de opressão à medida que dissemina sua “linguagem”, isto é, um conjunto de signos que determinam a realidade psíquica dos indivíduos. Seja nos códigos idiomáticos ou nos demais símbolos linguísticos, os significantes derramados sobre os indivíduos recriam os sujeitos à sua imagem. Se a realidade material não pode ser criada através da palavra – como no mito judaico da criação, onde Javé disse: “*fiat lux!*” e houve luz –, a realidade psíquica encontra ressonância na palavra atribuída. Os signos não criam a realidade material, mas influenciam a maneira como ela é compreendida, representada psiquicamente. Já que a linguagem encerra signos capazes de atribuir sentido às coisas, a arma utilizada pelos colonizadores foi a linguagem. Embora o mercado financeiro alardeie que determinadas línguas são poderosas porque representam potências econômicas, a percepção, no entanto, deveria ser outra: as nações são poderosas porque impuseram a sua linguagem sobre o outro, tornando-se, elas mesmas, referências de simbolização. O poderio econômico decorre também desse referencial. A linguagem é utilizada

consequentemente, sua desaparecimento da face da terra não constituiria perda relevante.

³⁰ Médicos franceses propuseram testar vacinas contra a Covid-19 no continente africano, expondo seu racismo contra os africanos ao cogitá-los como cobaias (REVISTA VEJA, 2020).

²⁹ Conceito introduzido pelo filósofo sul-africano Mogobe Ramose para designar o assassinato das formas de conhecer dos povos africanos. A noção de epistemicídio está intimamente associada ao racismo, posto que o epistemicida parte do pressuposto de que África não possui nada a oferecer no campo epistêmico e,

como instrumento de dominação desde a ascensão do Império Grego liderado por Alexandre Magno, na antiguidade.

O pressuposto basilar trazido pela psicanálise resume-se à relevância da linguagem na dominação subjetiva. Assim, a influência marcante do colonialismo, no passado, e da colonialidade, no presente, não se encontra propriamente no poder econômico – embora este contribua sobremaneira –, mas no poder de influenciar a subjetividade. Tal discurso instala-se no inconsciente dos indivíduos, produzindo efeitos no registo simbólico à medida que os desejos assumem o semblante de identificação.

Setores tão díspares como moda, política, indústria automotiva, tecnologias de produção, artes e informática resistem à medida que são introjetados a partir do processo de identificação subjetiva. Curiosamente, as línguas que dominam o mercado são aquelas que dominaram o continente africano, imperialistas.³¹ Saliente-se que a linguagem não denota apenas o idioma, mas todos os signos que remetem a modos de pensar que determinam os limites do próprio mundo do sujeito (WITTGENSTEIN, 1968).

Se “falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p. 33), alguns negros antilhanos, após emigrarem à metrópole, retornam às Antilhas simbolicamente modificados, embranquecidos. O que isso significa? Significa que o antilhano, desejando parecer metropolitano, renega seu

fenótipo, aprende a fonologia e a prosódia perfeitas do idioma como estratégia política de inserção na cultura metropolitana. Retornando às suas origens, sofre estranhamento, porque não fala mais como os colonos.

O negro que entra na França muda porque, para ele, a metrópole representa o Tabernáculo; muda não apenas porque de lá vieram Montesquieu, Rousseau e Voltaire, mas porque é de lá que vêm os médicos, os chefes administrativos, os inúmeros pequenos potentados — desde o sargento-chefe “quinze anos de serviço”, até o soldado-raso oriundo da vila de Panissières (FANON, 2008, p. 38).

“Todo idioma é um modo de pensar”, Fanon complementa. Desta forma só poderá haver fuga da colonialidade na subversão estrutural do idioma e, conseqüentemente, do modo de pensar. Curiosamente, uma das maiores lições que pode ser aprendida não vem da linguística, mas da literatura. No livro *1984*, George Orwell expõe a estratégia totalitária de dominação, designando-a de novíngua (ou novafala). A novíngua caracteriza-se pela remoção de palavras do vocabulário corrente. Reduzindo as palavras, o pensamento fica igualmente limitado.³² Trata-se tão-somente da limitação do vocabulário que, reduzido, não será capaz de organizar o pensamento, ampliando-o.

O processo de descolonização exigiu dos africanos uma *catharsis coletiva*, ou seja, a liberação de energias acumuladas durante longo período de tempo.

finalidade de contemplar as diferentes expressões de gênero. Assim, tem-se geralmente alterado os pronomes, grafando-os com “x” ou “e”, como “elxs”, “todxs” ou “todes”. No Canadá, a aprovação de uma legislação polêmica neste sentido levantou acalorada discussão sobre liberdade de expressão.

³¹ Notadamente, a China aparece ao mundo como uma grande potência econômica. Alguns poderiam argumentar que a China não possui oficialmente uma língua colonial, porém a China das tradições orientais é diferente da China comercial, que fala inglês fluentemente.

³² De maneira análoga, as discussões de gênero vêm propondo alterações no vocabulário com a

Contudo, não foi suficiente para libertá-los das amarras ideológicas vinculadas à linguagem e à cultura europeia, produzindo apenas efeito aparente de libertação. A catarse produzida pelos africanos ficou aquém daquela empreendida pelos haitianos, destrutiva do laço social que unia colônia e metrópole. Psicanaliticamente, pode-se afirmar que a catarse africana enquadra-se na estrutura neurótica, que resulta em culpa, desconforto e tentativa de negociação com o pai-colonizador. A *françafrique* consiste na manutenção dos laços neuróticos resultantes da culpa pelo desejo intenso de assassinar o pai.

O processo catártico africano apresenta-se (mais brandamente do que o haitiano, uma vez que no país caribenho ocorreu o que a psicanálise denomina de passagem ao ato) como forma de análise da situação colonial. Neste sentido, traçaram-se as linhas teóricas que constituíram, desde então, o processo terapêutico do continente. Dentre tais linhas, pode-se relacionar o anticolonialismo, especialmente forte durante a década de 1960; ulteriormente, o pós-colonialismo constituiu-se como paradigma epistemológico de compreensão da situação colonial focado na denúncia das assimetrias e, por fim, adoção do pensamento decolonial³³ como empreendimento de resgate e reconstrução das epistemologias destroçadas pelo colonialismo (REIS, 2010).

Além disso, muitos outros paradigmas têm surgido no continente e alhures como instrumentos depuradores da presença colonial e das marcas

remanescentes no psiquismo coletivo. Se o processo psicanalítico costuma não apresentar resultados imediatos, circunscrevendo, inclusive, algumas análises no campo do interminável (FREUD, [1937] 1996), homologamente os processos terapêuticos coletivos apresentam caracterologia equivalente à individual.

Pan-Africanismo, Negritude e Afrocentricidade³⁴ representam instrumentos adicionais utilizados como forma de compreensão da realidade africana, que, mesmo diversa, ampara-se num sustentáculo comum: os efeitos patogênicos residuais do trauma colonial. São discursos liberadores dos significantes reprimidos, na mesma medida em que a fala do analisando no *setting* analítico representa a possibilidade de emergência do reprimido.

Similarmente, o processo de saída da colonialidade exigirá de todos os sujeitos subalternizados de hoje a mesma *catharsis coletiva*. Todavia, desta vez será necessário liberar os significantes recalçados no fundo do velho baú chamado inconsciente, como numa espécie de terapia coletiva na qual os sujeitos exprimem livremente as palavras produtoras de sentidos libertadores. Sim, é na tomada de consciência e discussão dos problemas raciais que os sujeitos acumularão força dinâmica a fim de se contrapor à ordem vigente, rejeitando completamente a atribuição dos significantes advindos da modernidade, mas, antes, elaborando-os³⁵ para que produzam os sentidos transformadores no psiquismo, assim

³³ O paradigma do pensamento decolonial começou na América Latina como expediente de resistência à colonialidade dominante.

³⁴ Para compreensão pormenorizada destes e outros movimentos de libertação africana, consultar Reis (2020).

³⁵ No seu artigo sobre técnica *Recordar, Repetir e Elaborar*, Freud chega à conclusão de que no *setting* analítico é necessário ao paciente recordar os traumas, revivê-los (repetir) para finalmente elaborá-los, ou seja, atribuir-lhes nova significação (cf. FREUD, [1914] 1996).

como fez o movimento negro com as palavras outrora detratadas.

Entretanto, diversamente de um baú, cuja abertura ocorre desde fora, o inconsciente estruturado como linguagem opera através do processo de abertura e fechamento e, por isso, o discurso catártico comprometido com a palavra vazia, e não com a palavra plena, tornará inútil o processo terapêutico. A palavra vazia, não obstante também emergja do campo simbólico, não produz os resultados necessários visto que a significação só poderá advir da palavra plena, isto é, do significante carregado de sentido. Em termos semânticos, a palavra vazia equivale ao silêncio, posta sua impossibilidade de representar o inconsciente na qualidade de elemento resultante das inter-relações entre cultura e subjetividade (LACAN, 1998; SOUSA, 1999).

Para tanto, será necessário não somente completar o movimento catártico iniciado durante a luta independentista, mas também destroçar os ídolos fomentados pela ocupação europeia, a saber, o *modus vivendi* ocidental inscrito nos símbolos que atribuem significação à vida africana após à saída europeia do continente. Não bastando matar o pai dominador, será necessário, ainda, a derrubada dos ícones construídos com a finalidade de reverenciá-lo como um deus. Mas o quebra-cabeça psíquico só estará completo quando todas as peças estiverem devidamente encaixadas, restando incurável o ‘convenientemente chamado de *sinthoma*’ como elemento organizador dos três registros – real, simbólico e imaginário – articulado, como um quarto elemento, ao Nome-do-Pai (LACAN, [1976] 2007, p. 163).

³⁶ Embora não se possa determinar as consequências de uma ruptura com o modelo civilizacional implementado, tais consequências certamente ensejariam a criação de novas formas

Assassinar o pai nunca foi uma tarefa fácil, porque a eclosão de uma catarse dessa magnitude provocaria ruptura civilizacional e faria emergir novas ondas civilizatórias desorganizadas psiquicamente cujo preço³⁶ poucos estariam dispostos a pagar.

Considerações finais

As articulações empreendidas neste artigo entre psicanálise e colonialismo carecem, obviamente, de maiores detalhamentos. Não obstante isso implique no reconhecimento da incompletude dessas interpretações, bem como na fragilidade dos argumentos apresentados e na necessidade de amadurecimento, torna-se irrefragável a potencialidade destas concepções, ainda que incipientes, dado o distanciamento conceitual das premissas utilizadas no embasamento teórico deste estudo, a saber, psicanálise e história africana.

Aplicar a interpretação psicanalítica à situação colonial revela a universalidade da hermenêutica psicanalítica, mas desafia também os anacronismos desta no contexto do colonialismo. A dialética construída em torno das relações colonizador-colonizado, na qual o colonizado encarna a castração simbólica, parece à primeira vista absurda. No entanto, à medida que os objetos internos e externos se posicionam no interior da realidade psíquica, os argumentos começam a produzir algum sentido no universo semântico do leitor.

A natureza hermenêutica da psicanálise empresta à situação colonial uma interpretação, senão conclusiva, pelo menos alentadora. Alentadora no sentido de provocar uma discussão sobre os

de leis reguladoras das pulsões, sob o pretexto do risco de que a pulsão destruiria a própria civilização (FREUD, [1929,1930] 1996).

limites da linguagem no domínio colonial, que ultrapassam às questões econômicas. Pelo contrário, sugere-se que a linguagem produz um sentido no sujeito, fazendo-o identificar-se subjetivamente com o *modus vivendi* opressor, como que ingressando no grupo do opressor através da introjeção de sua língua e demais traços culturais. Costuma-se brincar que o oprimido sonha em ser opressor e que, por isso, a luta de classes não tem produzido as transformações necessárias para alteração de consciência e, principalmente, para o estabelecimento de uma sociedade igualitária.

No caso africano, especialmente na porção francófona, a antropofagia da cultura dominadora, ocorrida mediante a introdução das neotradições, produz no eu-coletivo subjugado a impressão de exigir sua entrada no universo do pai-colonizador, como um filho que busca a proteção paterna. O sistema de valores é introduzido paulatinamente pelo pai-colonizador, tornando improvável a resistência do filho-colonizado, que acaba adentrando o universo simbólico paterno.

O colonizado não somente é “fabricado” à imagem do colonizador, como, sob efeito do discurso colonial, adapta-se às identificações subjetivas propostas pelo colonizador. O colonizado ocupa o lugar de um filho, cindido pela ambivalência dos sentimentos. Admira o pai-colonizar, desejando ser como ele; e odeia o pai-colonizador, desejando matá-lo para sentir-se finalmente livre.

Em ambos os destinos, o pai-colonizador continua exercendo influência. Se o imita, estará sujeito à sua imposição; será igual a ele. Se o assassina, é tomado pela culpa, que o obriga a estabelecer uma adoração do pai-morto, transformando-o num ídolo. Foi o que aconteceu no caso do colonialismo.

A colonialidade, portanto, é o regime do pai-morto. O pai-colonizador morto após as independências imortalizou-se na subjetividade do filho-colonizado/castrado, tornando-se onipresente. O filho-colonizado, representado pelo continente africano, continua prestando-lhe reverência através das línguas, da religião, da política econômica e das manifestações culturais.

O totem tornou-se onipotente.

Referências

- BALANDIER, Georges. [1951]. A Situação Colonial: abordagem teórica. **Cadernos Ceru** v.25, n. 1, dezembro 2014.
- BARROS, José D’Assunção. Igualdade, desigualdade e diferença: contribuições para uma abordagem semiótica das três noções. In: **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 199-218, abril de 2006.
- DIOP, Cheikh Anta. **A Unidade Cultural da África Negra**: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Lisboa (Portugal): Edições Pedagogo, Luanda (Angola): Edições Mulemba, 2014.
- ELUNGU, P. E. A. **O Despertar Filosófico em África**. Luanda (Angola): Edições Mulemba, 2014.
- FANON, Frantz. [1961]. **Les Damnés de la Terre**. Paris: Éditions La Découverte & Syro, 2002.
- _____. [1963]. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREUD, S. [1913]. **Totem e Tabu**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. [1914]. **Recordar, repetir e elaborar**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. [1923]. **O Ego e o Id**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1930 [1929]) **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das

Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. [1920]. **Além do Princípio de Prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. [1937]. **Análise terminável e interminável**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JUDT, Tony. **Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

LACAN, Jacques. [1964]. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. [1975-1976]. **O Seminário. Livro 23: o sintoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LAPALNCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MBEMBE, Achille. **As formas africanas de auto-inscrição**. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, nº 1, 2001, pp. 171-209.

MBEMBE, Achille. **Sair da Grande Noite: ensaio sobre a África descolonizada**. Lisboa: Edições Pedagogo, 2014.

_____. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOORE, Carlos. [prefácio]. Negro sou, negro ficarei! In: CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

MUCALE, Ergimino Pedro. **Afrocentricidade: complexidade e liberdade**. Maputo (Moçambique): Paulinas, 2013.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

RANGER, Terence. A invenção da tradição na África colonial. In: HOBBSAWM, E; RANGER, T. (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

REIS, Maurício de Novais; ANDRADE, Marcileia Freitas Ferraz de. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 202, p. 01-11, 10 mar. 2018.

REIS, Maurício de Novais. **Ensino de filosofia: do universo eurocêntrico ao pluriverso epistêmico**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

REVISTA VEJA. **Proposta de testes na África revolta Eto'o e Drogba: 'não somos cobaias'**. In: <https://veja.abril.com.br/placar/proposta-de-testes-na-africa-revolta-etoo-e-drogba-nao-somos-cobaia/>. Acesso em: 10 abril 2020.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOUSA, Edson L. A. de. (org.). **Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. [1921]. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP, 1968.

Recebido em 2020-04-17

Publicado em 2020-11-13